



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS**

**MULHERZINHAS: DA LITERATURA AO CINEMA UMA CONSTRUÇÃO
FEMININA DA OBRA *MULHERZINHAS* DE LOUISA MAY ALCOTT, NA
ADAPTAÇÃO *ADORÁVEIS MULHERES***

MIKAELY CRUZ DA SILVA

**GUARABIRA
2024**

MIKAELY CRUZ DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba
– UEPB, Campus III, Guarabira,
em cumprimento aos requisitos
para obtenção do grau de
Licenciatura Plena em Letras –
Habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura
e Cinema

Orientador: Me. Waldir Kennedy
Nunes Calixto

GUARABIRA
2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Mikaely Cruz da.

"Mulherzinhas": [manuscrito] : da literatura ao cinema uma construção feminina da obra "Mulherzinhas" de Louisa May Alcott, na adaptação "Adoráveis Mulheres". / Mikaely Cruz da Silva. - 2024.

35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto, Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Jo March . 2. Adoráveis Mulheres . 3. Adaptação Cinematográfica. 4. Representação do Feminino. I. Título

21. ed. CDD 810

MIKAELY CRUZ DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado à
Universidade Estadual da Paraíba –
UEPB, Campus III, Guarabira, em
cumprimento aos requisitos para
obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Letras – Habilitação em
Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura
e Cinema

Orientador: Me. Waldir Kennedy
Nunes Calixto

Aprovada em 11/06/2024.

BANCA EXAMINADORA

Waldir Kennedy Nunes Calixto

Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Auricélio Soares Fernandes

Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aline Oliveira do Nascimento

Prof. Ma. Aline Oliveira do Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo investigar as contradições da vida feminina no século XIX, por meio de uma análise entre a obra *Mulherzinhas* de Louisa May Alcott e o filme *Adoráveis Mulheres* (2019). Para isso, o presente trabalho examina questões da adaptação expressos da obra literária para cinematográfica, levando em consideração as influências culturais e estruturais que moldam as experiências das mulheres no século XIX. Logo, são discutidas as contradições significativas que as mulheres enfrentam, entre as expectativas sociais e as aspirações individuais que aspiram em múltiplos domínios da vida, explorando como as expectativas sociais e culturais moldam os comportamentos de homens e mulheres na sociedade. Os dados qualitativos serão analisados de forma integrada, utilizando abordagens como a análise comparativa, isso permite explorar conexões e princípios entre os diferentes conjuntos de dados. Nesse sentido, buscamos investigar como a personagem Jo March é representada na adaptação cinematográfica diante dos dilemas por ela enfrentados. Esta monografia tem como principais teóricos Hutcheon (2011), Stam (2000) e Silver (2002). Hutcheon (2011) explora a teoria da adaptação, destacando como as obras literárias são transformadas em filmes. Stam (2000) aborda questões de representação cinematográfica refletindo a influência na sociedade. Silver (2002) analisa as interações entre cultura e sociedade, destacando como as estruturas sociais moldam as experiências individuais, especialmente as das mulheres. Os resultados apresentam as contradições da vida feminina no século XIX: Discussão das pressões sociais e expectativas culturais que moldaram a vida das mulheres na época, destacando as expectativas sociais e aspirações individuais. A adaptação de *Mulherzinhas* faz análise das mudanças da obra original, considerando como as influências culturais e estruturais do século XIX são reinterpretadas no contexto atual. A representação de Jo March investiga como a personagem principal reflete os dilemas enfrentados pelas mulheres da época, considerando como as expectativas sociais e culturais são manifestadas em seu desenvolvimento na adaptação cinematográfica.

Palavras-chave: Jo March. Adoráveis mulheres. Adaptação Cinematográfica. Representação do Feminino.

ABSTRACT

The present work aims to investigate the contradictions of female life in the 19th century, through an analysis of the work *Little Women* by Louisa May Alcott and the movie *Little Women* (2019). To this end, this work examines issues of the express adaptation of literary works to film, taking into account the cultural and structural influences that shape women's experiences in the 19th century. It will discuss the significant contradictions that women face between social expectations and the individual aspirations they aspire to in multiple domains of life, exploring how social and cultural expectations shape the behaviors of men and women in society. The qualitative data will be analyzed in an integrated way, using approaches such as comparative analysis, which will allow us to explore connections and principles between the different sets of data. In this sense, we will seek to investigate how the character Jo March is represented in the cinematographic adaptation in the face of the dilemmas she faces. The main theorists behind this work are Hutcheon (2011), Stam (2000) and Silver (2002). Hutcheon (2011) explores adaptation theory, highlighting how literary works are transformed into films. Stam (2000) addresses issues of cinematic representation, reflecting the influence on society. Silver (2002) analyzes the interactions between culture and society, highlighting how social structures shape individual experiences, especially those of women. The results present the contradictions of female life in the 19th century: Discussion of the social pressures and cultural expectations that shaped women's lives at time, highlighting social expectations and individual aspirations. The adaptation of *Little Women* analyzes the changes to the original work, considering how the cultural and structural influences of the 19th century are reinterpreted in the current context. The representation of Jo March investigates how the main character reflects the dilemmas faced by women of the time, considering how social and cultural expectations are manifested in her development in the film adaptation.

Key-Words: Jo March. *Little Women*. Cinematic Adaptation. Representation of the Feminine.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ALÉM DOS ESPARTILHOS: UMA ANÁLISE DA CONDIÇÃO DA MULHER NO SÉCULO XIX.....	10
3. ADAPTAÇÃO EM PAUTA: REFLETINDO SOB PERCURSOS TEÓRICOS.....	14
4. CONTEXTUALIZANDO A(S) OBRAS(S): REVERBERAÇÕES NAS OBRAS MULHERZINHAS (1868) E ADORÁVEIS MULHERES (2019).....	18
5. MULHERES DA LITERATURA A TELA: UM OLHAR SOB AS OBRAS MULHERZINHAS (1868) E ADORÁVEIS MULHERES (2019), DE GRETA GERWIG	20
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Peça no Pickwick Club.....	26
Figura 2- Jo March em cena de negociação em uma editora.	27
Figura 3- Jo apresenta seu novo corte de cabelo.	28
Figura 4- Cena da praia.	30
Figura 5- Passagem de tempo em cena.	31
Figura 6- Irmãs March e suas paletas de cores.	32
Figura 7- Cena de passeio entre Jo March e Laurie.	33

1. INTRODUÇÃO

Desde tempos remotos, as mulheres têm sido caracterizadas por uma complexa junção de expectativas sociais, suas vidas associadas a papéis convencionais ao gênero individualmente, perante aos desafios e pretensões de oportunidades. Apesar dos avanços significativos em direção à igualdade de gênero, as mulheres ainda continuam enfrentando uma série de contradições e desafios persistentes em suas experiências diárias. Este trabalho propõe uma análise comparatista entre a obra *Mulherzinhas* de 1868 escrita por Louisa May Alcott (1832-1888) e a adaptação fílmica *Adoráveis Mulheres* (2019), dirigida pela diretora Greta Gerwig. Neste contexto, exploramos as contradições que caracterizam a experiência feminina na sociedade do século XIX através do exemplo da personagem Jo March.

A trajetória das mulheres também reflete uma dicotomia entre liberdade e restrição, entre a busca pela auto expressão e a conformidade com os papéis sociais tradicionais, especialmente no desafio de equilibrar carreira e família. As expectativas contraditórias de beleza e auto imagem que encorparam os dilemas retratados na obra, propõe-se explorar essas contradições específicas destacando suas procedências culturais e sociais. Ao examinar as origens e implicações dessas contraposições, busca-se compreender as complexidades da vida das mulheres nas execuções tratadas e promover uma reflexão crítica, juntamente com o contraste entre duas maneiras de retratar a experiência. Foi usado a versão cinematográfica *Adoráveis Mulheres* (2019) a qual visa essa retratação de que as mulheres enfrentam um delicado equilíbrio, a pressão para atender as expectativas tradicionais que muitas vezes podem em um conflito que tem como desejo maior buscar autenticidade e igualdade, também serve como uma reflexão sobre como superar esses obstáculos que implica em uma realização pessoal, essas contradições são reflexos de estruturas sociais moldadas por séculos de normas.

Prefiguramos como justificativa contribuir para o meio acadêmico de estudos femininos como também referente a literatura e cinema. A obra *Adoráveis Mulheres* (2019), traz questões que ainda estão presentes na atualidade e que ainda vislumbram esse caminho em direção a uma sociedade mais inclusiva, a qual as mulheres possam experienciar dentro do contexto social e cultural da época, nos permite contribuir para a busca por agência em todas as suas formas diversas. Além disso, ao contextualizar essas

experiências para uma forma de compreensão das realidades vividas pelas mulheres do século XIX. Nesse sentido, trataremos como a adaptação explora as complexidades e desafios enfrentados pelas mulheres nesse período, podemos não apenas celebrar a obra original, mas também aprender importantes lições que a adaptação cinematográfica oferece para o presente e o futuro.

Nossa pesquisa é caracterizada como bibliográfica, centrando-se em análises comparativas entre o romance literário e sua adaptação cinematográfica. Inicialmente, contextualizamos historicamente a vida da mulher no século XIX, explorando as principais causas que influenciaram a desigualdade de gênero da época. Como fundamentação teórica, utilizaremos o estudo de Floriano (2020) sobre a representação da mulher na mídia, complementado pelas perspectivas de Mathews (2018) e Silver (2002) sobre temas relacionados à imagem feminina.

No que diz respeito a adaptação cinematográfica, nosso estudo se embasará nas contribuições teóricas de Hutcheon (2011), Stam (2000) e Martin (2005), que discutem aspectos como a fidelidade a obra original, as escolhas interpretativas dos diretores e as mudanças na narrativa visual que afetam a representação dos personagens femininos. Essa abordagem ampla nos permitirá uma análise detalhada das transformações e interpretações que ocorrem durante a transposição de um meio para outro, enriquecendo nosso entendimento sobre como as representações culturais da mulher foram construídas ao longo do tempo.

2. A MULHER NO SÉCULO XIX

No século XIX, a idealização da imagem das mulheres era resumida a um único papel de servidão à figura masculina, seja ela por meio de um pai, irmão ou o marido por fim logo após o casamento, sempre vista de forma inferior quando comparada a uma figura masculina. Essa representação do papel da mulher na sociedade tem sido influenciado e moldada ao longo do tempo, por meios de fatores que consistiu para uma sociedade que consecutivamente visou em valorizar o homem, a mulher foi assim virando alvo principal de discriminação e por fim assumindo papel de submissão aos homens em especial aos seus parceiros. A ideia central apresenta as principais características que intensificaram esse período e enfatiza os desafios que constituíram para a formação da atuação da mulher e o seu papel na sociedade. Segundo Floriano (2020, p. 6). a citação destaca como “as desigualdades de gênero que regem a sociedade a sociedade desde seus primórdios em que há a dominação dos homens sobre as mulheres é designada por muitos autores como patriarcado e que se combina a cada época e local com o sistema socioeconômico e cultural de cada sociedade”.

A complexidade e desafios que é sofrido pelas mulheres nessa época, se desenvolve uma abrangente discussão sobre os papéis ideais para cada um, tanto o homem quanto a mulher, como uma forma de oficializar a função e transmitir isso para a construção profissional e pessoal. Floriano (2020) diz que “o modo ideal de ser feminino se apresenta como um modelo dependente, frágil, ligado ao lar e à maternidade. Enquanto a masculinidade é apresentada como um ser forte, independente e viril, que prove o lar e da proteção.”

Nesse sentido, olhar para um lado que fala justamente de haver a união entre esses fatores, de como a mulher não tinha direito de realizar seus reais desejos pelo simples fato de serem mulheres e não poderem ter controle sobre seus próprios corpos. Muito pouco eram vistas por suas habilidades, que se resumiam a afazeres do lar e em poucos casos a leitura para as mulheres dessa época era um meio de evadir se de suas vidas recatadas, grande parte se da ao fato de que o sistema patriarcado moldou essa narrativa que foca em um certo tipo de sabedoria feminina que devia ser conduzido nas futuras gerações. Floriano (2020) diz “Simone de Beauvoir (1967) em seu livro “O segundo sexo” mostra os aspectos e criações do feminino e masculino e fala das mulheres na sociedade patriarcal. A maternidade compulsória era ensinada desde cedo

para que a mulher fosse um ser materno, que soubesse o que devia ser feito, que fosse feminina, ingênua, recatada.”

O principal entendimento a ser compreendido com essa fala é que grande parte da formação inicial era justamente focado em um padrão único de aprendizado voltado para o desenvolvimento e construção da imagem feminina, além de que o único tipo de comportamento era a necessidade constante de ser baseado em uma estética que levaria esse processo para um caminho de foco principal no corpo feminino. Segundo Floriano (2020, p. 7) “o padrão estético é colocado como uma imposição pela sociedade do que é considerado ideal e atrativo estando dentro dele características físicas, a indumentária, o uso de cosméticos e o comportamento, entre outros.” Em muitas sociedades da época, era esperado que as mulheres se dedicassem a esse papel de serem delicadas e cuidadosas, em ordem de manter a moral e os valores familiares juntamente com as restrições que poderiam obter caso não seguissem esse caminho, e com o acesso limitado à educação restava poucas oportunidades de emprego que valorizassem as habilidades que eram restringidas. Sobre o padrão feminino do século XIX, explica Floriano (2020):

O ideal da beleza feminina é visto desde os primórdios da sociedade, porém é no século XIX com a saída da mulher para o mercado de trabalho nas classes operárias e na caça aos maridos na classe burguesa e nobre que o ideal de belo é destacado e cobrado (Floriano, 2020, p. 7).

Outra forma de destacar esse padrão esteticamente formado pela sociedade, era pelos trajes que seria como passar toda a informação que precisasse ser obtida através desse código. Nessa época, as mulheres usavam roupas conservadoras e restritivas, como espartilhos, saias longas e trajes volumosos eram bem comuns, refletindo assim as normas sobre a feminilidade da época, que era voltada a todos esses atributos de aparência e comportamento social. A partir dessa reflexão sobre a classe padrão que a sociedade impõe e estabelece em meio a outros tipos de mudanças sociais, tanto em surgimento de movimentos liderados por mulheres que desafiaram as normas de gêneros e fizeram parte de grande contribuição para o desenvolvimento, tanto para as expectativas tradicionais moldadas em ocorrência do que se era proposto foram desafiados pelas reformas que vieram por meio de movimento social e intelectual. Segundo Floriano (2020, p. 8) “se a cada cultura há padrões para a beleza feminina, a sociedade capitalista estabelece um padrão de beleza hegemônico e de modo geral associado às classes dominantes de seu período e lugar.” Ao destacar as principais

características conjuntas a esse período, fica em mente a principal ideia que foi explorada durante a fala, para dar continuidade a todos esses aspectos sociais que foram de grande importância para a contradição do padrão estético adotado pelas classes em destaque sobre esse olhar. e de certa maneira destacando o patriarcado com os seus meios de abordar e oprimir todas as questões apresentadas como em presente e historicamente, e com isso a tentativa de conseguir atingir o ponto em destaque a ser compreendido em relação a prioridade e abordagem que pretende fornecer essa visão.

Buscando o entendimento sobre como as roupas definiram uma posição na sociedade e como sua influência foi grande para definir uma época, em razão de expandir as alterações que vieram junto de uma nova era que ditaria a maneira certa de se comportar e se vestir. De acordo com Floriano (2020, p. 10) “no século XIX, a Inglaterra se tornou um dos países com maior poder e decorrente influência sobre a sociedade ocidental.” Devido a isso, as mudanças na cultura principalmente no mundo da moda, que teve um destaque por se tratar dos ingleses que já eram conhecidos por fazerem uso de roupas extravagantes e acessórios de luxo, como grande parte da Era Vitoriana foi associada a revolução, tanto na área tecnológica e na industrialização por meio de mudanças significativas.

Segundo Mathews (2018, p. 8) “o padrão estético da era vitoriana em 1850 era caracterizado pelo uso de artificios como a crinolina, uma gaiola feita com fios de metal entrelaçados com tecido para formar volume utilizadas embaixo das saias.” Por meio de revistas femininas da época essas roupas eram o padrão a ser seguido pelas as mulheres, essas roupas de certa forma conduziram as normas tanto para o lado de comportamento ou por outro lado a classe que cada um pertencia, isso ficava definido de vez conforme as tendências que se eram mostradas e apresentadas com a intenção de se expandir para as áreas com mais requisitos, com afim de também definir como os corpos femininos deveriam ser e qual tipo de aparência elas buscaram mostrar.

De acordo com Silver (2002, p. 9) “a busca por um ideal magro a partir do de corsets e da anorexia, junto com outros distúrbios associados como o uso de sucos de limão e vinagre para a perda de apetite, era aclamado até mesmo pelas revistas.” Com a influência cada vez maior e com a popularização da mercadoria, a pressão estética de tornou algo além dos comportamentos que já eram impostos agora partindo para um status que definia como a mulher era tratada na sociedade, partindo mais nas mulheres de classe média e alta que poderiam chegar nesse padrão e alcançar um lugar na sociedade que fosse além de afazeres domésticos. Segundo Floriano (2020, p. 9) “a era

vitoriana foi um período em que o alcance de beleza feminina foi tomado por exaustivas buscas estéticas para se fazerem bonitas e esteticamente atrativas aos olhos da sociedade.” Além de fazer a associação para que a moral das mulheres não fossem afetadas, a sociedade dessa época buscava mais focar na estética de fora e preservar o que a mulher poderia ser associada além da vida familiar que era a chave principal para definir os morais das mulheres que já buscavam e outra parte que já tinha empregos, em grande maioria não podiam justamente por conta da aparência e as que não possuísem ao menos estudo eram fadadas a se casar para conseguir fazer parte da indústria, e com a perspectiva de nunca fazer o bom suficiente pois as consequências iriam ser maiores do que o próprio desprezo que iria surgir junto com a sociedade.

3. ADAPTAÇÃO

A adaptação literária não apenas simplifica o texto original para torná-lo acessível a diferentes mídias, como também oferece uma oportunidade para os adaptadores exercitarem sua criatividade ao reinterpretar e modificar a obra original. Esse processo criativo envolve não apenas captar a essência da obra, mas também explorar novas perspectivas que possam enriquecer a narrativa para diferentes públicos e contextos de comunicação, como teatro, cinema ou televisão. Esse papel da adaptação desempenha uma grande importância no quesito da divulgação das obras literárias, fazendo que essas obras possam alcançar novos públicos e sejam captadas em diferentes tipos de contexto que irão contribuir para uma nova forma de enxergar o primeiro texto, além de oferecer uma oportunidade de explorar novas temáticas, personagens complexos em perspectivas inovadoras.

De acordo com Hutcheon (2011, p. 8) “os vitorianos tinham o hábito de adaptar quase tudo e para quase todas as direções possíveis;” No meio da arte essa proposta por (re)adaptar e (re)apresentar outras formas de ver uma obra literária além do seu modo literal expandindo características originais, buscando por novas maneiras de experimentos que visam explorar a capacidade de ocorrer mudanças em meio a essa funcionalidade da realidade, não se limita a simplificar o texto original para diferentes mídias, mas sim enfatiza a fidelidade a proposta principal enquanto se mantém fiel a sua essência. E uma das várias formas efetivas de adaptação é o cinema, que até hoje oferece várias transposições cinematográficas e que dialogam com a literatura. Sobre a o cinema e a moldagem, explica Hutcheon (2011):

Na visão do semioticista Christian Metz, o cinema “nos conta histórias contínuas; ele ‘diz’ coisas que também poderiam ser expressas na linguagem das palavras, porém as diz de modo distinto. Há uma razão tanto para a possibilidade quanto para a necessidade das adaptações” (p.44).

Adaptações variam na forma como são apresentadas, cada uma sendo única para transmitir todos os aspectos do ambiente. Os adaptadores usam materiais familiares para concretizar ideias e torná las tangíveis, permitindo críticas que exploram novos aspectos não abordados anteriormente, fazendo assim uma ampliação de todos os fatores criados, com a grande parte já existente na história a descrição dos cenários e personagens vêm de uma única forma, e cabe a adaptação permitir uma abertura de criatividade que autorizará o acréscimo do contexto ou interferir com a abordagem mais radical e específica do novo formato.

A busca pelo formato da adaptação na literatura vem sendo tema a vários séculos, explorando diversas abordagens que podem tanto enriquecer quanto comprometer a obra original durante o processo de recriação. Segundo Hutcheon (2011, p. 24) Ao dialogar com a citação de Robert Stam (2000, p. 58), que argumenta que “para alguns, a literatura sempre possuirá uma superioridade axiomática sobre qualquer adaptação, por ser uma forma de arte mais antiga.” Nesse sentido, cada obra possui diferentes fatores que levam ao adaptador ter certa liberdade para explorar como irá ocorrer a abordagem e a definição a partir dos exemplos mais específicos para uma adaptação moderna. Segundo Hutcheon (2011, p.27) sobre o texto forte e o adaptado: “se conhecemos esse texto anterior, sentimos constantemente sua presença pairando sobre aquele que estamos experienciando diretamente.” Uma das maneiras a qual a adaptação consegue transparecer tal áurea é diante da forma de como a essência da história continua em toda a trama sem precisar necessariamente mudar o rumo para tentar se encaixar em uma narrativa mais ou menos adequada para com a obra.

O modo de como a escrita original precisa estar adequada também nos padrões da época a qual é adaptada e na busca de referências de outras obras para manter a conexão com o texto original. Essa é uma das razões pelas quais uma adaptação possui sua própria aura, sua própria “[...] presença no tempo e no espaço, uma existência única no local onde ocorre” (Benjamin, 1968, p. 214). Uma das razões principais pelas quais o público tende a preferir a obra original é o desejo de interpretar uma adaptação de maneira literal, pois se deve pensar na adaptação como uma de várias formas de contar uma história, em várias versões e mesmo assim continuar tornando os resultados finais em boa aceitação crítica e compatíveis com que se estar adaptando, não simplesmente buscar a validação como reconhecimento para uma falta de processo criativo, de acordo com Hutcheon (2011, p.24). Para alguns, conforme argumenta Robert Stam, a literatura sempre possuirá uma superioridade axiomática sobre qualquer adaptação, por ser uma forma de arte mais antiga (Stam, 2000, p. 58).

A diversidade que cada adaptação se propõe a oferecer, se estabelece na derivação que cada obra apresenta nos sentidos mais reconhecíveis de abordagem e sua expansão no sentido de incluir todas as interpretações por meio de uma ação criativa que sustenta a narrativa como meio de apropriação construtiva, o engajamento de sua

própria forma de constituir o conceito de intertextualidade e assim transmitir sua própria visão sobre o tema abordado, com intuito de incluir diferentes obras e suas culturas em um formato mais vinculado com o original e fazendo uso da recriação em certos pontos que precise ser descrito de maneira mais ampla.

A adaptação também implica em uma transformação reduzida em garantir que as ideias e direitos autorais sejam atribuídos durante a finalização de um novo formato alterado. Segundo Hutcheon (2011, p.32) “A maioria das teorias da adaptação presume, entretanto, que a história é denominador comum, o núcleo do que é transposto para outras mídias e gêneros, cada qual trabalhando em diferentes vias formais.” Como em vários casos o diálogo vem em primeira mudança de ajuste, por se tratar de uma modificação necessária para uma adaptação que faz uso de um contexto histórico que já não faz mais parte do ponto principal, e partindo para que os personagens também sejam modificados ou reduzidos para atender as necessidades que a adaptação venha a precisar, a exploração do tema vai depender da combinação dos estilos e sua proporção visual.

De acordo com Hutcheon (2011, p.33) “os temas talvez sejam os elementos da história mais prontamente identificados como adaptáveis entre mídias ou mesmo entre gêneros e contextos.” Como o foco em grande maioria venha ser a reformulação do personagem principal e sua função a partir do momento que se estabelece a descrição para cada ação, os efeitos que surgem durante a narrativa e dependendo de como ocorre a apresentação do enredo e tempo, a junção desses fatores levam o processo para um tipo de transmissão reluzente. Ademais, um dos fatores para tal evento se deve “[...] porque cada forma envolve um modo de engajamento distinto por parte do público e do adaptador”. (Hutcheon, 2011, p.35). O modo visual de transmitir os elementos que não podem ser transmitidos da mesma forma que na obra original, passando para um tom mais ajustado conforme a atmosfera específica da história que assim, terá um alcance tanto para o público ou o alvo em termos de à obra original. Os adaptadores por muitas vezes optam por manter a história em sua essência, não recorrer às mudanças para introduzir outra discussão durante o processo, como parte da construção os adaptadores têm o costume de usarem a obra apenas como um ponto de partida para condensar o que já está sendo proposto e dá partido a liberdade criativa. Sobre os motivos que levam a uma composição de uma adaptação explica Hutcheon (2011, p.45) “qualquer que seja o motivo, a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de

algo novo.” Para a conquista de uma adaptação bem sucedida é fundamental que tenha esse equilíbrio entre permanecer contanto com a ideia principal de como a obra se expressa em primeiro contato, a exclusividade se aplica em como o modo de reescrita se ajuste para o original e garanta uma identidade para a garantia de que a história funcione em meio a versões anteriores que já apresenta um resultado aberto com o leitor, e com isso estabelecer as expectativas em torno da obra que necessita ser experienciada tanto nas diferenças quanto na semelhança de dimensões entre a realidade e mundo ficcional cada uma em formatos diferentes de consumo na mídia.

O formato mais utilizado para demonstrar esse tipo de produção ao desenvolvimento é pela linguagem cinematográfica, que por meio de várias técnicas conjuntas e estilos designados para uma abordagem que os cineastas adaptam para contar histórias através do cinema e sua comunicação. Segundo Martin (2005) “o cinema é *futilidade* porque é a mais jovem de todas as artes, nascida de uma vulgar técnica de reprodução mecânica da realidade; porque é considerado pela imensa maioria do público como um simples divertimento onde se vai sem cerimônia.” A apresentação que o cinema faz se destaca por meios de aparências que cada gênero se aplica, a forma que a composição e os formatos de elementos que configura a posição que serve de comunicação para as informações importantes lembradas através dos diferentes tipos de emoções, incluindo através dos planos de composição e regras direcionadas. A exemplo dessa linguagem cinematográfica, a iluminação pode ser usada para criar diversas atmosferas e destacá-las por meio de elementos específicos incluídos nas cenas, se destaca em virtude do movimento que a câmera adiciona a cena para que a conduta sirva destaque para o público acompanhe esse tipo de execução. A utilização de cores em um filme pode transmitir inúmeros significados simbólicos, que influencia a percepção que o espectador sobre a cena ou personagem, e que através da montagem que é fundamental para a construção da narrativa e a direção da história, além da colaboração da trilha sonora que tem função para os efeitos sonoros e o design que segue como um dos elementos mais importantes da linguagem cinematográfica, contribuindo assim para a imersão da história. De acordo com Martin (2005, p.28) “A imagem fílmica é portanto, antes de tudo, *realista*, ou melhor, dotada de todas as aparências (ou quase) da realidade.” O simbolismo e as metáforas que os cineastas costumam utilizar são formas de transmitir significados visualmente mais profundos e que se possa enquadrar no ponto de vista transmitido pela cena, proporcionando o aspecto e o caráter por influência do personagem durante a imagem fílmica. Segundo

Martin (2005, p.28) “a imagem filmica suscita, portanto, no espectador um *sentimento de realidade* em certos casos suficientemente forte para provocar a crença na existência objectiva do que aparece na tela.” Todas as composições que permitem que os elementos sejam utilizados para que a combinação seja particularmente transportada e dinamicamente permita que o conteúdo transpareça através da identidade visual que é abordada e compreendida, envolvendo maneiras de constituir emocionalmente o plano de garantir o papel de uma visão especificamente real, reforçando o poder que imagem tem através do tempo e intensificação de permissão e sobretudo a intensidade que se adquire com a junção de todos esses aspectos de linguagem e expressões consideravelmente únicas perante a reprodução verdadeira e simples da realidade.

4. CONTEXTUALIZANDO A OBRA

A obra *Mulherzinhas* foi publicada em 1868, e se passa durante a guerra civil americana, um período de transformação na industrialização e mudanças no meio social. O romance reflete as preocupações e modificações de uma família em meio a revolução industrial emergente na época. A autora Louisa May Alcott buscou inspiração em sua própria vida e as memórias que guardou durante sua jornada, em que viveu com a sua família em Concord, Massachusetts tornando-se assim uma espécie de autobiografia de sua vida. *Mulherzinhas* é sua obra mais conhecida, caracterizada por sua narrativa perspicaz e sutil de abordar assuntos profundos das personagens femininas. Nesse sentido, é abordado questões como ciúme, morte, amadurecimento, casamento e trabalho. A parte central aborda como foco entre quatro irmãs que mostram suas vidas e perspectivas diferentes, cada personagem aborda assuntos complexos e completos durante a trama, com detalhes que sugerem uma reflexão para o contexto da história. A presença que cada personagem apresenta de forma distinta, mais ao mesmo tempo se entrelaçam durante o enredo da obra, destacando a importância de entender o contexto histórico, cultural e artístico durante a análise, permitindo assim buscar uma apreciação de seu significado e impacto.

A obra audiovisual *Adoráveis Mulheres* de 2019, da diretora Greta Gerwig, propõe uma adaptação do romance *Mulherzinhas* (1868), mantendo o foco na trajetória da personagem principal Jo March, faz as associações a eventos da vida da autora do livro, incluindo histórias de fundo de personagens que faz a junção do equilíbrio de detalhes com o ritmo do filme. Deste modo, a adaptação expõe através de eventos centrais a jornada de Jo March, como também explora personagens secundários, algumas vezes omitindo ou simplificando elementos do romance, e/ou condensa algumas modulações da trama incluindo algumas das reflexões e diálogos extensos encontrados no livro para se adequar ao formato cinematográfico.

A obra *Mulherzinhas* já foi retratada em diferentes obras cinematográficas ao longo do tempo, então isso vai incluir a visão e contextualização da história através de várias formas de passar e interpretar cada uma delas de forma diferente, capturando a essência que a obra original passa e ao mesmo tempo adaptar isso de forma convencional ao público. Mesmo assim, o filme é um recorte por não mostrar todos os eventos relatados no livro, como é o caso do filme de 2019 *Adoráveis Mulheres*, que traz uma nova imagem pela visão da diretora Greta Wergin que escolhe por deixar a

adaptação reproduzir ligeiramente o conteúdo para preservar a mensagem original do livro, atribuindo apenas pequenas mudanças no enquanto aos personagens e elementos que ajudem a complementar a trama, e dessa forma o filme se propõe a fazer escolhas específicas para manter a história de seu modo, a fim de modificar e resumir em um formato cinematográfico.

5. UM OLHAR SOB AS OBRAS

Tanto no livro quanto no filme, o enredo o qual a história se passa é focado na vida da família March, formada por quatro irmãs com comportamentos diferentes entre si. Distintos entre suas personalidades que de certa forma, conseguem complementar uma à outra, integram a história os pais das meninas, a tia-avó, amigos e vizinhos. Cada personagem apresenta um certo tipo de complexidade que é descrito com uma diferença significativa entre os detalhes. Ao desenvolver da história durante a Guerra Civil Americana e ter sido escrita durante toda essa época, muitos dos eventos apresentados que são descritos no livro também eram vivenciando na vida real. Uma das partes mais aclamadas na história é a apresentação das perspectivas de vida diferentes que as irmãs expressam, como uma forma de persuadir e abordar vários tipos de temas relacionados à época.

No romance, existem quatro irmãs na família March: Meg, Jo, Amy e Beth, essas são as personagens as quais pautaremos nossa análise, desta forma refletiremos com um resumo da personalidade de cada uma. Compondo a família das quatro irmãs, a mais velha, Margaret conhecida apenas como Meg e de todas é a mais discreta. Possui um comportamento padrão da época, ao mesmo tempo que ela apresenta maturidade, também demonstra inocência por encarar muitas coisas pela primeira vez. Jo March é descrita como a irmã com a personalidade mais forte da obra e também a mais complexa por se comportar de maneira não bem vista para a época, grande parte redundante da história se passa sobre sua perspectiva. Amy é a irmã mais vaidosa e talentosa em questão de arte, sobretudo para pintura em que ela se destaca e que faz questão de se aperfeiçoar durante a trama. Beth é a caçula da família, ela se distingue na área da música por saber tocar piano e ver na música um certo tipo de conforto, ela também é muito tímida e costuma passar grande parte do dia brincando e cuidando dos seus gatos.

A autora explora dinâmicas que ocorrem entre as irmãs e destaca as implicâncias submetidas durante o crescimento e avanço da narrativa. Sobre a função social de falar sobre o papel da mulher junto às relações que se tornam motivo de discussão perante a sociedade do século XIX. Durante a trama, podemos observar todos os problemas, dramas e angústias enfrentadas pelas quatro irmãs de forma diferente entre elas, reforçando também a forma bem trabalhada de como foi explorada através de dilemas reais que são recorrentes no texto, com uma linha de tempo devidamente compatível

durante a narração, apresentado enormes detalhes a vida de uma família durante essa época.

O dilema principal seria a forma de comportamento decorrentes das normas sociais, por parte das restrições impostas às mulheres naquela época. A personagem Jo March e suas escolhas feitas ao longo de toda a trama, leva a personagem a enfrenta o desejo de seguir o seu próprio caminho e ter independência financeira e pessoal, isso na adaptação já ocorre na cena de abertura que Jo vai a uma editoria entregar uma história de sua autoria, mas por ter medo de ser julgada ela diz que foi escrito por um amigo, no meio da negociação o editor deixa claro que a mulher na história precisa estar casada ou morta para ele poder publicar, por fim Jo acaba por concordar e recebe apenas por 20 dólares.

Jo enfrenta constantemente o conflito entre expressar sua própria vontade e impulso, e ao mesmo tempo cogitando a expectativa social diante da submissão imposta durante toda a sua vida. Como parte de não se encaixar nos padrões que lhe eram impostos, Jo era frequentemente julgada por não se comportar com uma dama e não desejar se casar e formar uma família, desde o princípio da trama. Jo desafia as normas de gênero de sua época, determinada a usar roupas mais confortáveis e agir com comportamentos considerados “masculinos” pela a sociedade.

Jo March tem o papel de figura principal na representação da feminilidade, a partir da personificação dos ideais femininos que caracteriza a busca pela a realização de ser vista além de uma dona de casa que cumpri seu papel de ser uma boa esposa, ela deseja continuar com o seu potencial como escritora e conseqüentemente alcançar a independência financeira tão desejada. Na adaptação a personagem busca sempre priorizar sua liberdade por deixar claro que não quer se comprometer a nada e focar em apenas sua carreira de escritora. Ao longo da história, Jo enfrenta desafios que a forçam a confrontar as expectativas sociais em relação ao comportamento das mulheres, com rejeição inicial ao casamento e objetivo principal em conquistar a carreira literária, que por ser uma personagem que faz consumo da literatura por grande parte masculina, acaba sendo influenciada pela a referência de ser de certo modo livre para poder obter autonomia e realização em uma sociedade que muitas vezes limitava seu papel ao âmbito doméstico. De acordo com Floriano (2020): “O patriarcado coloca a mulher como figura submissa, baseado em uma dicotomia de gênero em que o feminino é sempre inferior.” No livro uma das formas de Jo March não se sentir menos inferior, era na questão de roupas e acessórios que ela fazia questão de usar e fazer delas sua

personalidade, em um dos momentos de julgamento por parte de sua irmã Amy que aponta que ela está usando um chapéu ridículo ela argumenta dizendo (Alcott, 2020, p. 125) “Eu vou, sim, pois é ótimo, me protege bem, é leve e grande. Vai ser engraçado, e não me importo de parecer um menino se estiver confortável.”

Jo deseja ir para a universidade e em alguns momentos se sentia sem importância com o seu dever, além de sofrer por não poder ajudar seu pai na guerra e não poder conseguir esse suporte aos seus pais. No entanto, apesar de sua determinação em seguir um caminho não convencional, Jo March também passa pela a experiência em enfrentar pontos positivos e negativos do amor e da amizade, descobrindo a complexidade das relações femininas e como vai servir de modelo para ela encontrar sua própria identidade feminina. No filme a diretora aborda esses assuntos na visão de Jo, que na trama passa a questionar se ela realmente tem esses tipos de sentimentos românticos que ela só conseguia adquirir através das histórias que ela consumia, e também por observar a relação amorosa que sua irmã mais velha Meg possuía, a partir disso ela fica dividida nesses sentimentos, por grande parte conciliando essas dúvidas na sua escrita constante.

Sua jornada como uma mulher desafiando as expectativas de gêneros tanto na vida pessoal e profissional é parte essencial para conseguir interpretar as ações de ambição feminina que ela faz questão de mostrar através de sua personalidade emblemática, dessa forma ela buscava por uma experiência que ela não conseguia encontrar através de personagens femininas que ela encontrava em livros que lia, por isso essa vontade de querer se espalhar em figuras masculinas que conseguia obter liberdade e escolhas de suas próprias opiniões. No filme essa expressão e busca é dita por Jo durante um desabafo que ela tem com a sua mãe, onde ela fala sobre suas frustrações como mulher e explana através de um discurso com ela se sente sobre suas próprias opiniões serem ignoradas e ela está cansada de concordar e não ter a chance de ser ouvida Jo March diz “[JO MARCH] Mulheres... elas têm mentes e tem almas além de corações, elas têm ambições e elas têm talentos além de beleza” (Little Women, 2019). Como escritora e artista ela se via diferente em relação a sua escrita, tão como ela gostaria de retratar por meio de um clube secreto chamado *Pickwick Club* que ela cria junto com as suas irmãs com o objetivo de se expressar por meio de contos, poemas e histórias que elas escreviam, com a personagem Jo March como editora principal. Nesse clube elas optam por usarem nomes masculinos para caracterizar os personagens que elas estariam interpretando, Jo costumava sempre interpretar os personagens

masculinos durante as peças que encenavam. Na adaptação é expresso através das expressões e diálogos que os personagens fazem durante a apresentação, como mostra a figura 1, do que seu personagem precisa expressar durante a peça, levando a entender como uma metáfora sobre o comportamento apresentado nas histórias que elas interpretam. Em meio às cores escuras da cena, existe uma luz forte que entra pela janela. Essa luz remete a criatividade, receptividade das irmãs perante os personagens e as ideias que elas acrescentam nas peças. Os quatro pontos de luz também presente na cena, representa as quatro irmãs, os pontos de luz podem ser dispostos de maneira a refletir a dinâmica das irmãs e seus relacionamentos, cada ponto de luz pode ter uma intensidade luminosa distinta para representar as personalidades únicas de cada irmã. A janela também pode significar um mundo que elas abrem a partir do momento que começam a usar a imaginação para conseguirem interpretar seus personagens favoritos.

Figura 1- Peça no Pickwick Club



Fonte: Print screen da obra audiovisual Little Women (2019).

Durante uma de suas peças é possível entender a escrita que Jo utiliza durante sua jornada, como ela faz questão de incluir aventuras com conflitos de luta, mas também com utilização de romance literário que ao final a dama fica com o escolhido cavalheiro. Diante da personalidade forte a qual a personagem busca para si mesma, o destino em que ela mesma seria a própria responsável pelo seu futuro profissional, considerando que em todas as histórias que ela tinha conhecimento as personagens

femininas eram vistas como frágeis e que precisam ser salvas no final não podendo optar por escolher seus destinos.

Jo transmite um certo tipo de imagem que reflete a uma menina que cresce com o pensamento que apenas os meninos possuem o direito de viver experiências e poderem participar de eventos exclusivamente a eles, e isso é limitado na identidade feminina por meio da falta de representatividade e modelos positivos que fariam mudanças na maneira de como ela veria suas experiências validadas e valorizadas. Esse comportamento de Jo, se dá pela falta de uma representação em que ela se identifique e que tenha as mesmas oportunidades, já que ela vê que meninos e meninas não possuem as mesmas chances de direitos. No filme, como mostra a figura 02, essa representação de Jo March é vista através de suas roupas que em sua maioria são roupas que na época se consideravam masculinas, a produção de design opta por transmitir a mensagem de que a personagem se sentia confortável através desses figurinos mais controverso em meio a uma época que se era permitido optar por esse caminho de expressão.

Figura 2. Jo March em cena de negociação em uma editora.



Fonte: Print screen da obra audiovisual Little Women (2019).

Esta tentativa de questionamento sobre como funcionava os padrões estabelecidos para as meninas e mulheres da época, já era um exemplo principal de combater os estereótipos prejudiciais, pelo fato de Jo March não querer seguir as normas e regras faz ela ser uma figura de personagem feminina que contribui para novos questionamentos sobre o comportamento feminino, já que a grande maioria dos leitores de sua história seria justamente o público feminino. Jo faz menção disso em uma passagem no livro (Alcott, 2020, p. 11): “Odeio pensar que preciso crescer e ser uma srta. March, usar vestidos compridos e ficar empertigada como uma dália! É ruim suficiente ser menina quando gosto dos jogos e das maneiras dos meninos!”.

Mesmo sabendo das expectativas e preceitos esperados pela sociedade, Jo tem em mente que ela não precisa mudar sua personalidade para agradar os demais que se opinem por ela não demonstrar feminilidade, ela possui uma personalidade que ela atribui a si mesma, fugindo da representação daquilo que as mulheres produziam faziam e passavam adiante como forma de promover essa moldação da figura feminina na sociedade.

Na adaptação fílmica uma das formas de representar a postura de coragem de quebrar esses estereótipos, é em um das cenas a personagem corta seu cabelo para conseguir dinheiro como demonstração de ajuda financeira a sua família que estava passando por dificuldades financeiras. Essa cena ocorre na obra literária, mas no filme, como mostra a figura 03, tem uma relevância maior devido ao corte de cabelo parecer ser mais curto do que na obra original.

Figura 3. Jo apresenta seu novo corte de cabelo.



Fonte: Print screen da obra audiovisual Little Women (2019).

No filme as irmãs March fazem essa transição entre os seus relacionamentos uns com os outros e com a presença de outros personagens. As adaptações cinematográficas em geral que retratam relações costumam dar mais destaques a certos personagens ou aspectos que levam a história a ser desenvolvida além do que o livro retrata, isso vai depender muito das escolhas dos diretores e roteiristas, um dos pontos mais importantes durante a produção é justamente situar a função que cada personagem vai contribuir para a história durante o desenvolvimento.

O ambiente que se é escolhido para retratar a época em que a trama passa, tem a função de recriar visualmente o ambiente do século XIX, nessa versão a diretora opta por uma abordagem estilística diferente em relação aos cenários utilizados para definir a estrutura da vida daquela época, a fim de demonstrar como cada ambiente contribui para a exposição da atmosfera dos locais criados para transparecer a ideia que a diretora e a produção geral oferecem em contribuição à história, a mensagem que passa ao público durante a execução. A cena que ocorre na praia é uma das formas que a diretora aborda o estilo de comportamento que ocorria durante essa época, o ambiente que é visto como forma mais livre hoje em dia era local mais formal durante o século XIX. O figurino escolhido para a cena é associado com a representação da figura feminina, a autora representa através de roupas brancas em contraste com o homem com roupas e cavalo preto. Em filmes de época, a representação da autonomia feminina continuamente reflete as normas e limitações históricas impostas às mulheres. Por exemplo, espartilhos apertados, saias volumosas que eram comuns na moda vitoriana. O uso de acessórios, como chapéus grandes e luvas pode indicar o papel das mulheres como objetos de decoração social. Figurinos que esses estilos dominantes dessa época, podem ser usados para mostrar personagens que se conformam às expectativas sociais e de gênero. Hutcheon (2011, p. 101) diz que “Os adaptadores cinematográficos, em outras palavras, tem a sua disposição uma verdadeira riqueza de possibilidades técnicas, convenções adquiridas e aceitas que ajudam a enfrentar a passagem do impresso para a tela”.

Figura 4. Cena da praia.



Fonte: Print screen da obra audiovisual Little Women (2019).

Outra forma de interpretação seria através das atrizes e elenco principal, que trazem uma intensidade e delicadeza autênticas as interpretações, capturam lutas e desejos de independência que necessitam para uma conexão própria do personagem, o elenco equilibram a complexidade e crescimento ao longo do filme, juntamente com a química entre as atrizes principais que reforça a credibilidade das relações familiares reais, para assim tornar suas interações profundamente comoventes, para essa versão a diretora opta por fazer uma referência com a personagem Jo March e a autora que foi a inspiração por trás da personagem. Na adaptação isso pode ser visto por meio da expressão corporal e linguagem corporal e também o guiamento que a diretora faz com os atores durante as filmagens, a troca de ideias que cada um pode sugerir para incrementar a adaptação é sempre uma maneira de se ver além do imaginado. Através de posturas, movimentos e gestos escolhidos, os atores podem transmitir profundidade ao seu personagem, a fim de enriquecer a compreensão do público sobre o contexto histórico e ações sociais.

Essa troca de fatores contribui para preencher a falta de temática que talvez só seja encontrada na obra original, e que faça sentido na adaptação para a fim de persuadir a tonalidade que o filme adiciona como meio de aspecto enfatizado. No filme essas tonalidades vão se variar amplamente durante a passagem de tempo, já que ele começa no futuro com tons mais melancólicos e depois para o passado com tons mais vibrantes. Essa modificação é bem aproveitada na adaptação, pois é possível identificar através de roupas, ambientes e semblantes dos personagens que se trata de passagem de tempo que

também é usada para moldar o rumo de como a diretora que passar através desses cenários.

Figura 5. Passagem de tempo em cena.



Fonte: Print screen da obra audiovisual *Little Women* (2019).

A adaptação visual busca descrever personalidades pela forma de que os personagens se vestem e as cores que são usadas para se fazer associação com as características, a função que os figurinos fazem no filme é de grande importância para compreender o que cada personagem representa na obra cinematográfica. O design de produção ajudam a recriar e transmitir as características através da paleta de cores, afim de criar um estado emocional de uma personagem, para essa adaptação a diretora distinguem as irmãs March por meio das paleta de cores de forma que possa ficar mais detalhada os significados simbólicos, como por exemplo a personagem Meg March optar por usar vestidos rosa para expressar uma imagem de inocência, amor e esperança em romance, segundo Heller (2002, p. 398) “as características gerais que são atribuídas ao rosa são tipicamente femininas. A cor rosa simboliza a força dos fracos, como o charme e a amabilidade” a cor rosa se encaixa na personalidade dócil e meiga de Meg. Jo March faz uso de cores mais fortes como o vermelho que simboliza o desejo, excitação e força para conseguir buscar seus objetivos, de acordo com Heller (2002, p. 101) “o simbolismo do vermelho está marcado por duas vivências elementares: o vermelho é o fogo e o vermelho é o sangue” a cor vermelho representa assim a personalidade forte e corajosa de Jo March. Amy March demonstra sua vaidade por tons azuis que representam confiança, verdade e estabilidade para com os seus pensamentos, de acordo com Heller (2002, p. 46) “o significado mais importante do azul está no simbolismo das cores, nos sentimentos que vinculamos ao azul” para simbolizar a personalidade ambiciosa de Amy o azul demonstra esse sentimento de perfeição. Por último Beth March

faz uso da cor violeta que representa a sabedoria, sensível e às vezes também opta por usar a cor marrom que simboliza conforto, casa e simplicidade que são características fundamentais para distinguir como funciona a interação das irmãs e suas escolhas. Segundo Heller (2002, p. 360), “violeta é a cor dos sentimentos ambivalente. As pessoas mais rejeitam do que apreciam”. Já no marrom, de acordo com Heller (2002, p. 473) “No marrom todas as cores luminosas desaparecem, desaparece toda paixão”. Com a personalidade mais calma e bondosa, o violeta e o marrom são cores que representaram muito bem Beth.

Figura 6. Irmãs March e sua paletas de cores.



Fonte: Print screen da obra audiovisual Little Women (2019).

Ao trazer a vida os locais e a expressão de cada personagem através das cores no filme, é criado um estabelecimento entre o que é descrito no livro e o que se torna realidade no filme, como o desenvolvimento que os personagens são apresentados e desenvolvidos ao longo da história, faz com que a diretora observe se há diferenças e como aprimorar o que afeta na compreensão do espectador/leitor, como nessa adaptação diretora faz questão de destacar detalhes e alterar pontos que só são vistos no livro e outros apenas no filme. A identificação de temas e mensagens que são identificados ao longo da produção vai ser o ponto fundamental, tanto presentes no livro como aos que são abordados no filme por parte em ser enfatizada ou suavizada para se encaixar em uma adaptação cinematográfica e como isso poderia ser um caso de afetação na

interpretação da história, que no caso para essa adaptação a diretora mantém suas ideias as mais claras possíveis e não faz questão de afetar o contexto e o rumo que a trama acontece.

Em função de outras técnicas cinematográficas utilizadas na composição do filme, se destaca os planos abertos que captura a atmosfera de forma nítida em cada detalhe envolvendo a situação que cada personagem se encontra, também devido a direção de arte em busca de escolher os elementos adequados, como a escolha de cores que transmite a mensagem de forma eficaz para a apresentação visual, com ajuda de uma trilha sonora e edição que transforma a experiência de uma forma que os elementos contribuem para a narrativa visual e ao fim se complementam e ao mesmo tempo diferem da experiência de leitura do livro. É usado durante o filme por uma fotografia mais ampla que se possa fazer uma apreciação pelos os cenários, sobretudo aos cenários externos que são constantemente utilizados durante a trama.

Figura 7. Cena de passeio entre Jo March e Laurie.



Fonte: Print screen da obra audiovisual *Little Women* (2019).

Considerando o contexto cultural em que o livro e filme foram produzidos, é relevante apontar como os dois foram apresentados em épocas e para públicos diferentes, a recepção para o livro traz à tona o desejo de passar uma mensagem e também levanta a questão de gêneros, classe social e o papel da mulher na sociedade, como no livro é abordado como funcionava a socialização feminina e seus papéis em torno desse círculo de limitação que elas adequadas a se adaptarem, na formação de

terem uma figura masculina que ditaram as escolhas pessoais e transformaram isso em um estado contínuo por muito tempo. Como aponta Hutcheon (2011, p. 56) “Embora nossas visualizações de mundos literários sejam sempre altamente individuais, a variação entre os leitores talvez seja ainda maior na ficção fantástica do que na realista”. Para uma relevância social que destaca as implicações na forma de comportamento feminino na sociedade, se destaca a contribuição dos filmes para a compreensão dessa imagem da sociedade patriarcal e sua falta de autonomia sobre suas próprias vidas, a arte cinematográfica abrange esses conceitos de uma forma que possibilite passar a mensagem e conceptualizar questões sociais com uma linguagem moderna para novas gerações.

Atualmente, as mulheres têm mais controle sobre suas escolhas de vida, incluindo suas carreiras diante de reprodução de valores que influenciam essas decisões, nesse sentido, as obras retratam essas questões, a persistência que muitas mulheres possuíam através dos séculos, como a representação por meio da mídia e cultura as mulheres eram limitadas ou às vezes estereotipadas, então ver como a evolução por meio da arte pode contribuir para evolução de maneira que possibilite acesso de conhecimento cultural.

A luta pelos direitos das mulheres continua, tanto no século XIX quanto nos dias de hoje, as mulheres têm lutado pelos seus direitos e pela igualdade de gênero. Como também no século XIX que ocorriam movimentos e a luta pelo direito ao voto, hoje em dia as lutas das mulheres abrangem uma variedade de questões, com a inclusão de direitos reprodutivos e representação igualitária em posições de poder e liderança. Embora tenham ocorrido avanços significativos, tanto no passado quanto nos dias de hoje, ainda há muito no que se pode mudar e avançar em todas as áreas da sociedade com a necessidade de enfatizar essa questão.

A obra *Mulherzinhas* oferece uma visão válida sobre todas essas experiências das mulheres no século XIX, por meio de uma vivência transformada em experiências que foram fundamentais para a escrita da história, enquanto também nos lembram das lutas e conquistas das mulheres ao longo da trama, e fazendo essa comparação com os dias atuais que também busca por esse tipo de transformação continua a inspirar e capacitar gerações futuras de mulheres a perseguirem seus sonhos e a desafiar os obstáculos que ainda existem, em busca de reconhecimento do valor e potencial que cada um possui, buscando essa ideia por de ensinamento e descobertas por meio de

todas as áreas de comunicação e entretenimento para a divulgação de conquistas que venham ser fundamental para o avanço da sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo visou explorar as contradições femininas através de uma análise crítica resumida sobre os pontos principais que se desenvolvem na obra trabalhada, enfatizando como essas divergências não se limitam a dúvidas individuais, mas refletem as complexas conversações sobre as normas sociais, culturais e históricas. As contradições femininas surgem através da luta constante das mulheres para conseguirem equilibrar as expectativas sociais presentes na sociedade, e muitas vezes os conflitos revelam um certo tipo de profundidade e resistência de suas experiências de vida.

Percebe-se que a vida de Alcott, com os seus aprendizados e experiências foram fundamentais para que o desenvolvimento de sua escrita pudesse se mostrar como um inspiração de vivência durante toda a história. A personagem Jo March apresenta todas as características de muitas mulheres do século XIX, ambas vivenciaram todos os atributos da época, em questão de normas impostas e expectativas de comportamentos. Com aspectos evidentes do contexto social e conceitos femininos, fica evidente como as mulheres eram frequentemente pressionadas a serem fortes e submissas, independentes em casa mas dependentes financeiramente e com o destino de serem cuidadoras familiares. Essas demandas contraditórias geram apreensão interna e também destacam as razões pelas quais as causas femininas têm buscado questionar o patriarcado imposto às mulheres. As estruturas sociais que ainda prosseguem com a desigualdade de gênero, visto que a obra se passa em uma época onde o patriarcado era predominante e as liberdades femininas ainda eram bem restritas, foi necessário destacar essas relações presentes na obra e no filme.

A teorização dos conceitos discutidos por Floriano sobre o comportamento feminino no século XIX, e a construção do gênero que se faz presente no livro e filme principalmente na formação de desenvolvimento dos personagens. Além disso Floriano realiza uma compreensão sobre o estereótipo e o surgimento de toda a estética Vitoriana, já que a obra e o filme se passam nesse período, os ensinamentos morais tanto com os personagens, leitor e público é de grande importância para poder compreender a história. Mesmo que a obra na época tenha servido como um guia para a educação feminina, a autora ainda consegue abordar questões de independência financeira da mulher e padrões femininos diferenciados para a época, visto também na forma cinematográfica como ocorre esses discursos na forma real. A personagem Jo March, percebe se desde o início que a mesma possui ambições que não cabem a ela

como figura feminina, mesmo assim ela demonstra um esforço em realizar seus sonhos e desejos, essas contradições podem ser vistas como uma fonte de força e resistência expressadas de maneiras inovadoras.

Sobre a adaptação e sua grande importância em representar uma obra, Hutcheon explica de maneira bem didática a jornada que se ocorre os vários tipos de adaptações, um novo tipo de visão sobre a arte que ocorre a partir de várias técnicas funcionais e são vistas por outro olhar além do que se ver no papel. Ainda que as personagens apresentam comportamentos diferentes do qual eram requeridos na obra, continuam por transmitir essa essência literária. O processo de criação de Alcott, revela essa tentativa de posicionar seus valores como uma mulher nascida no século XIX, tanto trazendo ensinamentos morais quanto questionando outros, sendo assim podemos classificar essa obra literária e cinematográfica como uma forma de influenciar leitores a questionar seus princípios. Sua construção de valores mostra-se como modelos necessários para apoiar uma maior igualdade de gênero e se perdurar por gerações futuras que possam valorizar e reconhecer essas contradições.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adoráveis Mulheres (2019). Título original: Little Women. Direção: Greta Gerwig.

Aumont, Jacques. Dicionário teórico e crítico de cinema/ Jacques Aumont, Michel Marie; tradução Eloisa Araújo Ribeiro - Campinas, SP: Papirus, 2003.

A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão/ Eva Heller. Copyright Editora Planeta do Brasil, 2019.

BEAUVOIR, S. d. (1967). Segundo Sexo. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

BENJAMIN, Walter. *Iluminismos*. Trans. Harry Zohn, intro. Hannah Arendt. New York: Harcourt, Brace and World, 1968.

CARRÉ, J.-M. Prefácio. In: GUYARD, M.-F. A literatura comparada. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1956. p. 7.

HELLER, Eva 1948-2008.

JOST, François. Introduction to Comparative Literature. New York, The BCompanBobbs- Company Inc. , 1974.

La littérature 7 Rio de Janeiro, Ed. GRD,1964.

Literatura comparada / Tânia Franco Carvalhal. -4.ed. rev. e ampliada. -São Paulo: **Ática**, 2006.

Martin; ZAPP, Andrea (Ed.). New screen media: cinema/art/narrative. London: British Film Institute, 2002b. p. 64-76.

Marmota Fluminense: Jornal de modas e variedades (RJ) (RJ) - 1854 a 1858. (s.d.). Fonte: Biblioteca Nacional Digital Brasil.

MATTHEWS, M. (2018). A Victorian lady's guide to fashion and beauty . Barnsley: Pen and Sword History.

METZ, Christian. Film language : a semiotics of the cinema. Trans.

Michael Taylor. New York: Oxford University Press, 1974.

Mulherzinhas / Louisa May Alcott. Tradução- Sandra Martha Dolinsky- São Paulo: Planeta do Brasil, 2019 480 p.

Novo Correio de Modas: Novellas, Poesias, Viagens, Recordações **Históricas**, Anedotas e Charadas (RJ) - 1852 a 1854. (s.d.). Fonte: Biblioteca **Nacional Digital Brasil**:

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=700053&pesq=&pagfis=1>

STAM, Robert. The dialogics of adaptation. In: NAREMORE, James (Ed.). Film adaptation . New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2000. p. 54-76.

SILVER, A. K. Victorian literature and the anorexic body. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.

TEXT/cinema-cultural.html. 21 May 2005.

Uma teoria da adaptação / Linda Hutcheon; tradução André Cechinel. 2. ed. - Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2013.